

# A LAGRIMA

Quinzenario illustrado

Ed. resp. Marcos E. C. de Carvalho

Barcellos, 18 de outubro de 1903  
Red. e offic.: Typographia Barcellense

Anno, Barcellos, 480; Provincias, 600



## A "BARCELLINENSE,"

A's vezes pensamos que por Barcellos não passou Deus, pois vemos terras de somenos importância caracterizadas pelas suas indústrias e nós se nos tirassem a feira (e o... fôro) morriamos á mingua de recursos!

Quando muito, fabricamos louça grosseira, pelo mesmo processo que os antigos habitantes—os homens pre-historicos—da citania de Oliveira!

Se é certo que na cerâmica fina estamos ultimamente botando os corninhos de fóra, é certo, também, que deixamos bastante a desejar n'esta manufactura sob o rigoroso ponto de vista artistico.

Depois da fabrica dos srs. Manoel L. Monteiro & Irmão,—proprietarios da de moagens a «Mimosas», d'Arcuzello, installada em edificio proprio, com machinismos aperfeiçoados, não lhe faltando, até, uma bella installação de luz electrica,—só temos que acrescentar ao pro-

gresso industrial da nossa terra a serralheria a vapor dos nossos amigos Leão & Dias, que a meia duzia de passos o leitor encontra na rua da Ponte, em Barcellinhos.

Casa levantada em boas condições de luz e de ar; dividida consoante as necessidades do trabalho; servida por machinas aperfeiçoadas; com um pessoal escolhido escrupulosamente n'um bello meio fabril,—empregando ja, no seu inicio 30 artistas e mais um grande aprendisado—, é digna de ser visitada.

Compete com o estrangeiro na sua especialidade em fechaduras de diversos typos, em cadeados para varias applicações, etc.

\*

Em breves dias vae a fabrica ser illuminada a luz electrica para, com serãos, poder dar vasão á grande quantidade de encomendas que tem recebido, nomeadamente de Lisboa, o que demonstra que são perfectos os trabalhos saídos de tão importante officina.

Demais o commercio não tem coração, não tem *patriotismo*, mas interesses a realizar e não daria, necessariamente, preferencia á «Barcellinense»—que assim se intitula a fabrica de que damos noticia e a nossa gravura apresenta—se não encontrasse nos seus productos grandes *vantagens*.

\*

Não nos permite o caracter d'este quinzenario, nem a sua pequenez, mais do que esta ligeira noticia illustrada, que termina por cumprimentarmos os seus proprietarios, fazendo votos por que a «Barcellinense» tenha dias largos de vida o que é de vaticinar pela entrada verdadeiramente de *leão*... na esphera do trabalho.

### A opinião... dos outros

A orientação do espirito não é um caso puramente independente, mas sim sujeito ao temperamento de cada qual.

Pode e deve ser o producto da educação e do meio, mas sempre captiva do systema nervoso.

Se não, vejamos.

A iniciativa d'um arrojo estrategico tem por agente principal a audacia.

## A LAGRIMA

Um homem vence uma batalha. Mouzinho venceu o Gungunhana, consumando assim a alliança do fim politico ao destemor do seu espirito.

Assim o pensou, assim o cumpriu.

O engenheiro admiravel é aquelle que produz e que executa.

Eiffel rasga o seio das nuvens com a sua torre monumental.

Outro, Fernando Lesseps, liga dois mares n'uma ranhura portentosa.

Enormemente intelligentes, são emprehendedores.

A manifestação intellectual está nos dois intimamente consorciada com o seu temperamento audaz.

Seriam capazes d'isso se não fossem arrojados?

\*

Ora vem isto a proposito—e até com muita razão—se alguem, com tendencias a jornalista, deve iniciar a sua carreira com um artigo de fundo, substancioso, onde se cravam pendões com a affirmação da sua fé, onde, na lidima ingenuidade das suas intenções, se jurem ideaes retrogradados, e incompativeis com as modernas theorias de administração publica e ainda com a illustração de que os neophitos são credores, ou, então, se devem commungar numa simples localisita, pura como uma vestal, humilde como uma violeta.

Cá estamos na questão.

Os nossos collegas do «Commercio» e «Regenerador Liberal» estadiaram em seus numeros proximamente ultimos dous artigos editoriaes, devidos á subita inspiração de dois noveis jornalistas.

Outro nosso collega,—a «Folha»—em assomos rethoricos de mentor, condemna os dois artigos como reus de alto arrojio, aconselhando-os, na profunda ironia do sabedôr, a que sejam mais modestos, por enquanto, nas manifestações da sua convicção politico-jornalística.

\*

Agora—os outros; isto é, a «Lagrima».

Aos *outros* parece-lhes que cada qual, tem, pelo tão proclamado livre arbitrio, o direito incontestado de se manifestar conforme pensa ou quer.

Os *outros* entendem que era até muito natural, que aos impulsos do seu sangue, novo e quente, abrigassem no fundo dos seus vastos conhecimentos a semente do socialismo, do anarchismo e até do nihilismo, e a fizessem germinar ao calor do seu enthusiasmo, n'um apostolado de crença absoluta.

E'ra justo, porque era verdade: era respeitavel, porque era sincero.

Quando lemos d'estes artigos graves e sisudos, tratando de administração publica, assum-

ptos coloniaes ou financeiros, nós temos a visão d'umas barbas muito brancas e d'umas lunetas d'aros d'ouro.

Um artigo de fundo—dizem os *outros*— não será, da penna d'um neophito, uma manifestação de decadencia?

Será um symptoma degenerescente ou uma precocidade effectiva, surgindo n'uma era nova, n'um periodo hypotheticamente marciano?

O que deve ser—objectam as *outros*—é o que já dissemos. E' a orientação do espirito estreitamente abraçado ao systema nervoso.

Ingenitamente arrojados e egualmente intelligentes, effectuam n'uma concordancia harmoniosa, aquillo que os *outros* não conseguem senão depois de muito estudo conjunctamente com muita experiencia.

«Audaces fortuna juvat».

A. B.

## NOS ASTROS

Do Arnaldo Braz

Ao suspirar dolente da guitarra  
minha alma se remoga e regenera.  
Firma-se na utopia, como a era  
que num muro viril se enrosca e amarra.

A sociedade é tôrpe, vil e charra;  
tem rugidos de hyena e de panthera.  
Mas o homem de juizo evita a fera,  
libra-se no ar, na sociedade escarra.

E estes gemidos ternos, magoados,  
arreatam-me em vôos arrojados  
pelo espaço sem fim, deserto e mudo.

Vou-me esconder em Marte ou em Saturno,  
para que de lá, grave e taciturno,  
o mundo possa ver... *por um camudo.*  
Anzol.

Manoel Affonso estabelecido na praça D. Pedro V, tem percorrido diversas freguezias á procura de vinho para exportação.

Na penultima semana comprou na adega do abastado lavrador Adriano Moleiro, de Casal de Nli, tres cascos d'esse liquido, com a condição, porém, de ser só de uvas e não ter outra composição.

Fechado o contracto foi passado o *signal*—20\$00 réis.

Dias depois o Affonso fez conduzir para o seu deposito o referido viuhio, notando, pela baldação, que elle era muito carregado na côr.

Suspeitando que fosse feito pelo Manual Arte Nova, fê-lo examinar no laboratorio Libarato onde concluiu pela analyse que era composto com uvas de parreira e de *cão*.

## A LAGRIMA

Indignado com esta tratantada, participou o caso a juizo de paz. Correndo seus termos o respectivo processo, foi, pelo Meretissimo Juiz Fernando Mosca de Andrade, proferida a sentença seguinte:

«Vistos os autos, prova-se dos mesmos que o Auctor comprou ao Reu tres cascos de vinho, condicionalmente.

Pela analyse o referido é composto de uvas de parreira e de cão; e como o contracto, na sua generalidade,—Cod. de Post. art. 100,—foi rigorosamente cumprido, visto que o vinho era fabricado sómente com *uvas*, condemno o Auctor na multa de 20\$000 réis (importancia do signal) que será entregue ao director da Roda dos Postiços, de Espozende, para ser dividida pelas amas de leite, em 30 do corrente, dia do meu anniversario.

Barcellos, (a)».

### Francisco Machado Carmona

Procedendo-se actualmente a certos trabalhos de escripta na Santa Casa encontrou-se, muito repetido, em o seculo XVI, o nome de Francisco Machado Carmona, como provedor d'aquelle estabelecimento de caridade.

\*

Dizia-nos o Francisco, quando lhe perguntavamos a razão da sua falta de cabello, *que era precocidade*, quando, afinal, o nosso amigo, é, nem mais nem menos, tão velho como a Sé de Braga e a queda do cabello resultado do caruncho secular!

Mais uma vez—graças ao emprezario amator Julio Vallongo—tivemos em Barcellos, por uma troupe d'artistas do Theatro D. Maria, um appetitoso espectáculo.

Levou á scena o «Francillon», peça em 3 actos, muito finamente escripta por A. Dumas.

As *galerias* fizeram, d'esta vez, um figurão, palmeando com justiça e contendo-se correctamente perante os diversos lances. Vão-se corrigindo.

Escusado será dizer que vae para lá sempre bastante gente educada mas... ás vezes uns individuos acostumados a barracão e que não se encontram á vontade n'uma casa de espectaculos decente. como a nossa. Fazem lembrar os pórcos que, embora se lhes faça o *ninho* muito limpo e bem feito, fogem para a lapatices...

### O João e José

O João dos Pretos—que *no seculo* se chamou João Baptista da Silva Guimarães—é um piadista engraçado e tem muita pilhéria nas partidas que préga ao semelhante.

Certo dia segura um tostão na testa sem auxilio de gomma ou cuspo, sem mesmo se curvar

para traz e apostou com individuo, ahi muito conhecido, em como era incapaz de o fazer.

—Isso sou; e é para já.

Immediatamente o João dos Pretos pega n'uma moeda, faz com ella pressão na testa do parceiro, retirando-a sem que este perceba.

Ora... foi o lindo no café Mattos. O sujeito sentia uma grande impressão na testa—era o tostão...—como se, realmente, tivesse a moeda *chimpada* na testa. Fazia caras, como os macacos, no palacio de crystal, e o dinheiro nada... de o ver cair.

Quando as gargalhadas, no botequim, eram geraes, o individuo caiu em si e dizem que, ainda hoje, encavaca fallando-se-lhe na *historia*.

\*

Ha dias o João dos Pretos fez uma parodia á piada.

Agora... o individuo tinha de segurar, de cara virada para o tecto, collocada no naris, outra moeda e esta, se caísse, devia ser dentro d'um funil, cujo gargalo seria introduzido nas calças, ao direito da carcella.

D'esta vez a piada era mais *fresca*... porque, n'um dado momento, quando o logrado fazia equilibrios para a moeda não se deslocar, o João dos Pretos despejou,—como despejou,—um pucaro d'agua no funil para o patusco não ser tolo!..

### O José

Ahi vae mais um caso em que este bexigueiro serve de protagonista.

Um dia—isto foi no tempo em que em Barcellos se jogava a batota—achavam-se reunidos n'uma casa de jogo alguns pontos, abacados á volta da mesa do paninho verde.

Zé dos Pretos chega-se á beira d'um parceiro e pergunta-lhe:

—Quer saber qual d'estes *pontos* é o mais ladrão?

—Mas como queres tu saber isso? pergunta-lhe o outro.

—Escreva-me ahi n'um papel esta phrase: «ah! ladrão, que me roubaste».

Dito e feito. Zé pega no papel, unta-o d'uma materia mal cheirosa, mette-o dentro d'uma carteira velha, colloca-o zurrateiramente debaixo da meza do jogo e põe-se á espreita. O primeiro que se sentiu incommodado com o *aroma* foi o Chinca que, querendo indagar de sua causa, achou a carteira, que immediatamente suppoz cahida do bolso d'algum *ponto* endinheirado. Pegou n'ella muito ás escondidas e—assim como quem não quer a coisa—foi á *retrete* para ver quanto valia o achado.

Imagem-lhe a decepção quando viu que a carteira, em lugar de dinheiro, tinha apenas o papel que lhe tinha despertado a pituitaria.

E ainda por cima a piada: «ah! ladrão, que me roubaste!».

## A LAGRIMA

### Os ridiculos

Quando no ultimo n.º da «Lagrima» fizemos vêr o quanto são ridiculos os individuos que vem mendigar noticias ás redacções dos jornaes, escrevendo-as muitas vezes, não nos quizemos referir a este ou aquelle sujeito mas «a todos em geral e a cada um em particular»...

Repetimos: não se torna o periodico mais interessante, nem a pessoa de humilde condição ganha fóros de conselheiro—pelo facto de as letras redondas dizerem que o sr. fulano fez annos (quando podia fazer cousa melhor) ou que sicrano esteve em Fróssos e retirou de lá no mesmo dia, graças aos recursos do vapor e da barateza dos bilhetes de terceira classe...

Não quizemos, tambem, ridicularisar os *pseudo-quenets*—des-lhe que temos estabelecido como principio que «todos somos eguaes sob os actos tornam os homens diferentes.» Tivemos em mira, sómente, zupar no pedantismo...

Precisam todos de se convencer do seguinte:—uma sopeira é eternamente sopeira, se na evolução da chinelo para o sapato, não saltar da ignorancia para o saber.

Precisa educar-se.

Mudar de traje e de habitos.

Do contrario é preferivel, é humano, que em vez de querer parecer aquilo que não é, se contenha dentro da sua condição.

Deve, pois, antes fazer bifés, do que fazer de senhora...

Ha outra ordem de ridiculos... ou de ridiculas.

No ultimo espectaculo no Gil Vicente vimos uma menina anediar constantemente o cabelo e olhar ininterruptamente para o vestido.

Ora esta pavôasinha não fazia isto nos intervallos dos actos, surpreendiamol-a, quando o pano estava em cima, no mesmo excesso...

Logo... esta menina era lhe indifferente a a Arte por artistas de primeira ordem e fez-nos lembrar alguns animaes refractarios, por exemplo, á musica.

Esta pequena parece que se enamorava-se de si mesma!

Crianças! A simplicidade, a naturalidade, são cousas muito bonitas.

A formosura, quando exista, impõe-se por si mesma.

De que vos vale meneardes tanto a cabeça se não tendes onde cair mórtas!

Olhae: quando qualquer rapaz vê uma rapariga muito linda pergunta logo *quanto pésa*... Não que os tempos vão muito apertados e uma pessoa, casando, nos primeiros dias do noivado diz que «este é o melhor dos mundos possiveis», mas depois... comprehende que o pul-

chro rôsto da esposa cêde ás exigencias do estomago.

Em vez do palminho de cara da cara metade elle prefere antes um arroz de polvo, fresco.

Portanto: perdei o *dandysmo*! Em vez da vaidade arranjae antes a herdar um cote d'algum individuo poltre de rico.

Sêde, no entretanto, virtuosas. Aprendei a fazer os vossos vestidos, a cosinhar alguns pratos baratos, etc. e deixae a prôa, a empafia, para quando fôrdes para fóra da terra onde ninguem vos conhece...

Com a simplicidade das vossas manciaras, com algumas qualidades que adquiraes, reunido isto á tentação do rôsto, ainda podeis casar.

### PERFILÕES MASCULINOS

Rosto cheio, calva a fronte;  
olhar limpo e sereno,  
mas fraco; nariz bem feito;  
corpo erecto, sem empeno.

Mostra o perfil do seu todo  
uma ingenua creatura.  
Traduz-se-lhe no semblante  
uma alma candida e pura.

Quasi sempre é perseguido  
por muitas associações,  
para ahi desempenhar  
penosíssimas funções.

Como é franco, fiel, honesto,  
generoso e cavalheiro,  
confiam-lhe, quasi sempre,  
o cargo de thesooureiro.

E nunca o labeu mais leve  
seu nome honrado manchou,  
nem a falta n'ais singela  
seu character conspurcou.

Tem a ennobrecer-lhe a fama  
os mais fidalgos brazões,  
e conserva invulneraveis  
as passadas tradições.

O Apostolo das Indias  
emprestou-lhe o nome bello  
e o sobrenome, tão nobre  
vém-lhe talvez do *Carmêlo*.

Vamos a ver se adivinham!  
Devem andar n'uma fôna.  
E' negociante, usa oculos...,  
quem é?...

Francisco Carmona.